

## Educação e arte: caminhos que libertam

### *Education and art: Freeing ways*

Althiere Frank Valadares Cabral \*

**Resumo:** A arte como meio de expressão liberta e, por isso, é capaz de transformar o ser humano e o meio em que ele vive. Dessa forma, a educação pela arte torna-se uma ferramenta imprescindível na formação do homem. Procuramos, pois, no presente trabalho, compreender, por meio de diversas vertentes, possíveis caminhos para se construir uma educação mais humana, uma educação que privilegie a cultura e a arte sem, com isso, se desvincular do saber científico. Uma educação que fomente a liberdade do ser, respeite a individualidade na interpretação de mundo e a criatividade como função primeira na vida do educando.

**Palavras-chave:** Arte, cultura, educação.

**Abstract:** Art, as a means of expression, is freeing and, thus, is able to transform the human beings and the surroundings one lives in. Therefore, education through art becomes an indispensable tool for human formation. We endeavor, hence, in the present paper, to understand, through several sources, possible ways to build a more human education, an education which privileges culture and art without being apart from the scientific knowledge, though; an education which promotes freedom to the human beings, respects individuality in the world interpretation and creativity, as a prime function in the student's life.

**Key-words:** art, culture, education.

---

\* Graduado em Letras Português/ Inglês pela Unimontes. Pós-graduado em Leitura e Produção de Texto pelas Faculdades Santo Agostinho. E-mail: frankvaladares@hotmail.com

## 1 Introdução

“A gente não quer só comida,  
A gente quer comida, diversão e arte”.  
Arnaldo Antunes.

Ciência e arte, embora íntimas, sempre foram colocadas em posições opostas. De um lado a razão, do outro, a sensibilidade, a emoção. Essa divisão entre o que parece útil à vida prática, e o que parece ser prazeroso ou agradável foi levada à escola, e, conseqüentemente, absorvemos essa idéia e a trazemos em nosso dia a dia.

Essa divisão entre o útil e o agradável, contudo não pára aí, nas atividades que exercemos. Ela acaba se refletindo em nossa própria organização interior, mental. Assim é que, por exigências de nossa civilização, devemos separar nossos sentimentos e emoções de nosso raciocínio e inteligência. Há locais e atividades onde devemos ser ‘racionais’ apenas, deixando de lado as emoções. Já em outros, podemos sentir e manifestar dor, prazer, amor, alegrias, tristezas etc. Estamos divididos e compartimentados num mundo altamente especializado, e, se quisermos alcançar o ‘sucesso’, devemos manter essa compartimentação. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 11).

Da alma do poeta, nasce a palavra polida, a palavra livre, que quebra o convencional e por isso inova.

Dos traços do pintor, nascem os riscos até então impensáveis, as cores virgens, as nuances de um espírito sublimado.

Da cara do ator, vem o riso impensável, o choro controverso, a emoção emprestada à cena, doada à arte do palco.

“O artista concretiza, nas formas, aquilo que é inefável”. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 46). E desse jogo de interpretação e criação nasce a liberdade de que precisa o homem para se posicionar como ser. Ou, nas palavras de Leonardo Boff: “A criatividade é um outro nome para liberdade. A liberdade é a capacidade de construção de si, de seu universo de

significações em contínuo diálogo-interação com o meio ambiente e com os outros”. (BOFF, 2004, p. 56).

Da arte, escapa o espírito humano para dar à vida um quê de emoção, um grito de denúncia, um motivo para ser melhor. “A arte não procura transmitir significados conceituais, mas dar expressão ao sentir”. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 44).

E da ciência, o que podemos ter? O alicerce do mundo real, as anteparas que protegem o homem e o edificam no tempo presente, por meio de tudo aquilo que aprendeu do passado. “A ciência tornou-se a pedra fundamental no edifício do saber, e sobre esse conhecimento científico repousam os nossos critérios de ‘verdade’”. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 30).

É, pois, através da ciência que o homem se consolida em sua essência humana, como ser-cultura, como parte de um mundo em que, apenas os instintos animais não bastam.

Cada pessoa percebe o mundo sob um determinado prisma. Cada conceito que se cria tem em si a interpretação de mundo de quem o criou. E, embora conceitos nasçam do fazer científico, percebemos que não trazem consigo a objetividade tão almejada pelos racionalistas. “A própria ciência, que pretende ser um conhecimento rigoroso das coisas como são, é filha direta da imaginação”. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 52). A ciência fica, portanto, com sua porção de subjetividade.

E educação é uma ciência, ou antes, são ciências várias. Mas a educação não deixa de ter seu lado arte. Justamente partindo desse pressuposto, propusemo-nos a fazer este trabalho para que possamos refletir sobre a educação pela arte. E se “educação pela arte” parece ambíguo, não é por descuido, há nisso um propósito.

Queremos pensar a educação que acontece, ou que pode acontecer pela arte no sentido de se ter a arte como instrumento. Seria, portanto, a educação

tendo a arte como meio para se atingirem os objetivos. Mas, também, queremos pensar a educação pela arte denotando educação em prol da arte, a educação que liberta e que pode fazer de um aluno um ser que escreve no tempo a sua marca; a educação que descobre e que fomenta o artista que nasce.

Um dos maiores objetivos da educação nos moldes, em que a concebemos hoje, é o de libertar, é o de apontar o caminho. Ainda que liberdade possua tantas possíveis definições, todos a querem. E para fazer valer o que acreditamos, citamos Guimarães Rosa, um artista da palavra. “Mas liberdade – aposto – ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões”. (ROSA, 2001, p. 323).

É, portanto, do “caminhozinho” que doravante trataremos, investigando as tênues barreiras que separam a educação científica da educação artística. E, ainda, procurar meios de se educar com o auxílio da arte, seja ela literária, visual, musical, dramática ou qualquer outra forma de expressão que se defina por arte. E, se pretendemos fazer isso, é porque a educação artística sempre recebeu um status menor do que a educação científica, como se essa primeira não fosse útil na vida do educando, ou como se ciência e arte não pudessem andar lado a lado. Pois, como nos aponta Duarte Júnior:

Talvez as emoções não atrapalhem – como usualmente se acredita – nosso desenvolvimento intelectual. Pode até ser que ambos – razão e emoção – se completem e se desenvolvam mutuamente, dialeticamente. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 12).

O mundo em que vivemos traz consigo uma confluência infindável de saberes. Nada é simples, tudo possui significações várias. Se nem a ciência, com sua almejada objetividade, possui interpretação única, tanto mais ampla será a interpretação no universo artístico. A própria produção humana, artística ou científica, está prenhe desse caráter multifacetado. O homem, ser cultura, posiciona-se no mundo por meio do que produz, por isso mesmo

o produto de sua produção é tão rico de sentido, ou nas palavras de Marx:

A produção de idéias, de representações, da consciência está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real, o representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens aparecem aqui como emanação direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais amplas. A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real [...] Não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso, parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida [...] Os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam-se também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. (MARX, 1977, p. 36-37).

## 2 A ARTE E CULTURA

### 2.1 Um pouco de história

Ainda que pareça “lugar comum”, não é exagero dizer que a história da arte – aqui mais especificamente a arte literária – se confunde com a história da humanidade. Assim, apenas traremos algumas nuances da sua história para percebermos alguns dos momentos em que a humanidade cedeu lugar ao fazer artístico.

Já nas cavernas, época em que o homem, ainda, era bem diferente do que é hoje, a arte começava a escrever, no sentido denotativo da palavra, o humano e seus costumes. “A arte do homem pré-histórico, inclusive, é tudo o que restou, integralmente, desses nossos antepassados”. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 38).

Após as cavernas, a arte evoluiu: encontrou o ambiente literário, fez da representação plástica um mundo próprio, na música se infiltrou confundindo-se com o ritmo poético; e no humano fez sublime o que era comum. Assim, as várias vertentes do fazer artístico abarcaram os cinco sentidos do homem, e, ainda, como que por meio de um sexto sentido, reelabora as energias de seu mundo.

E, séculos antes de Cristo, aparece Platão com sua poética e diz que a arte, ou a poesia, é perigosa mesmo ao Estado. A palavra lapidada – segundo ele – corrompe o homem, torna-o temível. E foi ele, Platão, um dos primeiros a tentar, cientificamente, destrinchar a significação artística. Aliás, ele tratou da significação em si de uma forma nunca antes sistematizada. “Platão deu ao signo uma estrutura triádica, constituída pelo nome (ónoma, nómos), pela noção ou idéia (eîdos, logos, dianóema) e pela coisa (prágma, ousia) à qual o signo se refere”. (TONDINELI, 2004, p. 40). Ou seja, temos algo palpável: um objeto, um ser. Esse elemento possui um nome convencionalizado pela sociedade, essa mesma sociedade possui uma idéia em torno desse elemento. O nome é tão somente a representação do objeto, que por sua vez é a representação de uma dada idéia.

Nasce, pois, o mundo das idéias de Platão. Segundo o qual, a perfeição está apenas nas idéias. Para ele, a idéia nasce perfeita, as falhas acontecem na produção humana em si. Seu argumento, em favor disso, era da seguinte ordem: se idealizo uma cadeira, ainda que eu seja o melhor carpinteiro, não a farei conforme ela era quando pertencia unicamente ao mundo das idéias. Ou seja, o trabalho humano é tão somente um simulacro da idealização, apenas uma cópia imperfeita do que pertenceu ao mundo ideal.

E mais, para ele, quando um artista pintava essa mesma cadeira, mais imperfeita era a sua representação, uma vez que a pintura, ou a representação artística, era uma cópia da cópia; um simulacro do simulacro.

Dessa forma, as palavras, por serem representação da idéia, não podiam trazer a essência do ser. “Para Platão, a verdade que se exprime por meio de palavras, mesmo que as palavras possuam semelhanças excelentes com as coisas as quais se referem, é sempre inferior ao conhecimento direto, não-intermediato, das coisas”. (NÖTH, 1995, p. 28).

Aqui, ainda na Antiguidade Clássica, percebemos o homem elaborando as primeiras tentativas de entender a arte por meio da significação. E isso se dava porque a arte era, naquele momento, a representação do real, a tradução de um mundo perceptível.

O mundo experimenta, após o declínio grego, o domínio romano. A igreja Católica se mostra soberana por quinze longos séculos. A arte, na era medieval, retrata a alma do homem que se apaga pela opressão. As cores são sombrias como foram aqueles séculos. A criatividade humana foi tolhida e quase toda obra era sacra, como queria a Igreja. Mas, mesmo o tom escuro da pintura medieval mostra o artista que consegue expor, em sua arte, a “cor” que naquele momento melhor representava a alma das pessoas.

Como não é nossa intenção registrar, aqui, cada momento artístico com os detalhes, que até merecem, dependendo do que se pretende abordar, vamos ser sucintos e da Idade Média vamos à Renascença.

Chegamos ao século XV, o Classicismo grego volta à arte. E na Renascença, a luz dos novos pensamentos, que então conhecia a humanidade, iluminou, também, a arte. Se por um lado continuavam as obras sacras, por outro a figura humana era introduzida, não como elemento periférico, mas como ponto central. É o antropocentrismo. Deus deixa de ser o

foco central. Agora, o homem quer ocupar o lugar de destaque e a arte, assim, o representa. A Itália é o berço de boa parte da arte daquele momento. Michelangelo, Leonardo da Vinci e tantos outros mestres da pintura e da escultura, literalmente, pintam aquele momento com a tonalidade que ele mereceu.

Assim, nesse período clássico da arte, encontramos o domínio dos tons claros, da forma reta, sem exagero nos detalhes. Mais uma vez, percebemos a arte que representa não só o homem, como também o seu sentimento coletivo, as alegrias e tristezas de uma época.

Mas o antropocentrismo não se dá sem grandes conflitos interiores. Após mil e quinhentos anos de dominação católica, o homem, que começava a vislumbrar um lugar de destaque na criação, vê-se entre o mundo em que ele é dono de seu destino e vontade e o mundo em que Deus era a representação da vida e a Ele cabia toda e qualquer decisão.

Nasce, então, o homem controverso, conflituoso, dividido entre o sagrado e o profano. A arte de então, clara, suave, carrega seus tons; perde a retidão dos traços e ganha o exagero das curvas. Do Classicismo chegamos ao Barroco, que no Brasil encontrou expressão bastante forte, sobretudo nas esculturas do mestre Aleijadinho.

Assim como antes, vemos o psicológico coletivo estampado nas linhas artísticas. A poesia dessa época, século XVI, é marcada pela antítese, pois o homem vive um momento de paradoxo e não poderia ser diferente a sua arte.

Mas o século XVII experimenta, mais uma vez, o antropocentrismo. Chegamos, pois, ao Arcadismo. Também conhecido como movimento neo-clássico, o Arcadismo recebe esse nome justamente porque o movimento inspira-se na antiga Grécia, na cidade mitológica de Arcádia.

A idéia central dos pensadores dessa época era a volta ao campo. Temos, então, uma negação do

homem urbano. A poesia e a pintura retomam as linhas retas e os artistas árcades, numa tentativa de excluir o tom pesado do Barroco, constroem uma arte leve, sempre bucólica, longe da realidade, distante do humano profundo.

Mas o Arcadismo não dura tanto tempo, na verdade o mundo árcade parece não representar mais o homem daquele momento, sobretudo se analisado o homem do Brasil. O universo psicológico começa a aflorar nas pessoas, é a volta do subjetivismo. O ser humano centrado em seus dilemas interiores. Acontece a idealização do amor, a mulher como objeto de desejo, distante e imaculada. Estamos no Romantismo.

Num movimento inverso ao encontrado no Arcadismo, há uma volta ao homem urbano, à valorização das cores da pátria, da identidade cultural de cada povo: ainda que como imitação. No Brasil, por exemplo, encontramos a Índia Iracema pintada sob os moldes europeus.

A supervalorização do subjetivo, do ser interior, fez com que o pessimismo chegasse à arte. A morte é o grande sonho, a solução para os males de um mundo em que morrer de amor não era simples hipóbole. Isso aconteceu, em quase todo o mundo, entre os séculos XVIII e XIV.

Os artistas da época, porém, queriam mais. Queriam denunciar, mostrar a hipocrisia da sociedade burguesa, fazer arte da verdade latente.

Surge o Realismo. A pintura já não retrata os fidalgos em suas brancas montarias a conquistar lindas donzelas, mas pessoas da vida real. Na literatura do Brasil, o grande ícone é Machado de Assis; com seu romance urbano. Ele critica, com ironia e sutileza, o homem e suas atitudes.

A sutileza machadiana, também, não é suficiente para um povo que queria mais, ainda que isso implicasse mau-gosto. Os realistas eram agora naturalistas, eles não só mostravam a verdade como a representavam doentia. O homem, conforme os ditames

deterministas da época, era fruto do meio em que vivia, e por esse meio determinado.

Após o Realismo, o mundo experimentou uma série de movimentos artísticos literários que, cada um à sua maneira, representou o homem coletiva ou individualmente.

Em 1922, um evento muda a cara da arte no Brasil. O evento, conhecido como Semana de Arte Moderna, ou Semana de 22, quis tornar a arte do Brasil ainda mais brasileira, mais genuína. Segundo os artistas dessa época, tudo que havia sido visto até então, no que se refere à arte, era imitação. “Foi marcante para a caracterização de um pensamento modernista a ‘Semana de Arte Moderna de São Paulo’ em 1922, na qual estiveram envolvidos artistas de várias modalidades”. (PCN Arte, 2001, p. 27).

Artistas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti e tantos outros queriam que a arte representasse, naquele momento, a identidade do povo brasileiro. E é a arte como identidade cultural de uma nação que faz com que sejamos muito mais que simples animais. Temos uma cultura e é ela que nos faz quem somos.

E para nós, educadores, não é mais possível ficarmos presos ao conceito fechado de arte e de cultura. Se é nossa pretensão educar pela arte, temos de abdicar da idéia de que apenas o canônico é arte. A cultura que emana das salas de aula, no dia-a-dia, não é a cultura consagrada, mas a cultura virgem e inocente da mão infantil. Temos, então, que estar prontos a aceitar essa arte pura para que o pequeno aprendiz sintá-se dono de sua obra. Ou seja, precisamos quebrar alguns paradigmas em prol da educação cultural com base no saber popular, tão rico e tão denso.

Educados na escola das tradições crítico-literárias, nós muitas vezes ainda não podemos reconhecer que a obra poética possa nascer do modo diferente como a obra literária com um autor individual. Parece-nos sempre que alguém a deverá ter composto

ou escrito primeiro. Em vez disso, são possíveis modos absolutamente diversos de nascimento das obras poéticas, e o estudo destes modos constitui um dos problemas mais importantes e complexos do estudo da cultura popular. (SOUTO, 1999, p. 15).

## 2.2 Cultura, tentando uma definição

Certamente não será com pouco trabalho que conseguiremos aqui uma definição do que é cultura, do que ela representa para a humanidade e de como podemos fazer dela nossa aliada num trabalho educacional, uma vez que educar é, antes de tudo, fazer com que uma pessoa se torne parte interativa de uma, ou de várias culturas.

Duas são as ciências que se preocupam com o conceito de cultura: a sociologia e a história. A cultura é o produto da ação criadora dos membros de uma sociedade, que se esforçam por aumentar seus conhecimentos teóricos e práticos. Em sua passagem pelos lugares, ao longo do tempo, o homem deixou sinais diversos. Marcas que testemunham percursos, ações e sonhos. (TONDINELLI, 2004, p. 8).

Por essa primeira definição, percebemos o quão próximos estão os conceitos de arte e cultura. Conforme já vimos anteriormente, foi por meio da arte que o homem se construiu, ou se inscreveu na sua história. Também, a ciência fez seu papel na construção desse mesmo homem. Hoje, talvez ainda mais que em outros tempos, a ciência vem imprimindo sua marca nas ações humanas, assim como a arte permanece com sua função de representar o homem de seu tempo. Mas o que nos torna diferentes do homem de antes?

Se há uma palavra para responder a esse questionamento, certamente será: cultura.

Uma das grandes proezas do mundo animal é o engenho da sociedade das abelhas. Um pequeno inseto, com um cérebro ínfimo, consegue não só viver em sociedade como se comunicar, construir

uma casa bastante complexa, produzir mel e viver sob uma rígida hierarquia. Qualquer pessoa que lê um pouco a respeito das abelhas acaba por se encantar com a perfeição de tudo isso. Seriam as abelhas mais inteligentes que nós, seres humanos, animais pretensamente superiores sob o ponto de vista intelectual?

Responder a essa pergunta não é nossa intenção, ao contrário, partimos dela para um outro questionamento: por que elas, as abelhas, repetem há milhares de anos a mesma tarefa? Porque a sociedade delas não evoluiu, como fez a nossa?

A bem da verdade, diferente do que acontece com os humanos, os animais não possuem a capacidade de aprender. Podem ser adestrados ou simplesmente seguir seus instintos naturais, mas não aprendem por meio de experiência como nós fazemos.

As abelhas constroem suas colméias, basicamente, por uma questão de sobrevivência, como é por sobrevivência que os animais realizam as mais variadas atividades pertinentes a cada espécie. Mas, o homem faz algo com outros propósitos que não a sobrevivência. “Nós possuímos uma dimensão a mais em relação ao animal, que transforma radicalmente a vida meramente biológica em algo qualitativamente diferente”. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 16).

Parece que só o ser humano possui a faculdade de acumular conhecimento para depois usufruir dele. Não construímos nossas casas porque fomos impelidos por um instinto natural a fazer isso. A abelha nasce “sabendo” que há uma colméia a construir, sabe como produzir a matéria prima para sua casa e simplesmente constrói. Nós, não. Só construímos uma casa porque em um dado momento alguém resolveu misturar alguns elementos para se fazer uma argamassa qualquer, outro alguém aprendeu isso e passou para tantas outras pessoas o conhecimento que foi se aprimorando com o passar do tempo.

O animal se adapta a seu meio ambiente.  
Incapaz de transformá-lo de maneira

ordenada, planejada, ele deve sempre se adaptar às circunstâncias, desenvolvendo atividades que o auxiliam a sobreviver aqui e agora. Mas o homem não. Não se adapta simplesmente a um meio, e sim procura transformá-lo, modificá-lo. Faz com que o meio se adapte a ele. O homem constrói o mundo. Imprime sentido às suas ações. Visa o futuro: planeja, pensa e então age, construindo o que imaginou. Este é o mundo humano: um mundo que suplanta a simples dimensão física, que existe também enquanto possibilidade; que existe como um vir a ser. Em suma: um mundo também simbólico”. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 17).

Ou seja, evoluímos porque aprendemos com o que outros descobriram, inventaram, aperfeiçoaram. Evoluímos porque somos seres capazes de criar cultura, ou antes, somos a própria cultura.

Como vimos, não só do elemento passado e compreendido vive o ser-cultura, também de possibilidades futuras vive o homem. E é justamente por compreender o universo presente e passado que ele pode vislumbrar no futuro o movimento cultural por qual passa. “As culturas movem-se não apenas pelo que existe, mas também pelas possibilidades e projetos do que pode vir a existir”. (SANTOS apud TRIGO, 1993, p. 52).

Daí se fazer mister o ensino de cultura em vários momentos da educação. É por meio da cultura, e somente por meio dela é que se pode modificar uma realidade, fazendo-a, inclusive, melhor e mais justa. É se ensinando a entender e a fazer cultura que se pode educar de maneira libertária, transformadora.

Hoje já não há aquele homem cujas ações eram um tanto quanto previsíveis. Não podemos delimitar o homem como fizemos no Arcadismo, no Realismo ou no Romantismo. O homem atual é antes de tudo um ser complexo, justamente pelo turbilhão de informações que o cerca.

“No vazio cultural, estilístico e artístico, as sensações de ruptura e superação que a pós-modernidade representa evidenciam a obsolescência das próprias

vanguardas, ou seja, a sua morte”. (TONDINELI, 2004, p. 11). Percebemos, pois, um mundo truncado, sem definições claras, muito menos definitivas. Um mundo cuja referência humana torna-se cada vez mais distante e surreal.

### 3 SIGNO E SIGNIFICAÇÃO

#### 3.1 A importância da compreensão do signo

A representação do mundo sempre teve muita relevância para a humanidade. Por tudo até aqui discutido neste trabalho, percebemos que a força do homem como ser-cultura, ser que procura se posicionar no ambiente em que vive não apenas como habitante, mas como elemento de interação constante, é a força que o torna sujeito ativo e participativo.

E, para representar, precisamos antes interpretar o que nos cerca, e, às vezes, “quem” nos cerca. Interpretamos porque uma série de teias cerebrais entrecruza informações por meio de signos que compõem a linguagem.

A palavra, o objeto, o ser são os significantes. Ou seja, chamamos de significante o elemento concreto da comunicação. “As palavras são um ‘resumo fragmentado’ do nosso sentir constante. Elas procuram sempre tomar esse sentir e simbolizá-lo. Buscam significá-lo e exprimi-lo”. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 40).

Esse elemento concreto pode ser a palavra escrita, as letras em si, organizadas segundo princípios de uma dada língua. Pode, ainda, ser a palavra falada. Tomaríamos como concreta a cadeia fônica, a seqüência de fonemas, também organizados de acordo com a língua a que pertence. Como, ainda, pode ser o objeto ou ser, tomado em sua forma real.

Assim, podemos considerar significante, por exemplo, uma laranja, o fruto em si, ou a palavra, escrita ou falada.

Significado é aquilo que se pode depreender da palavra laranja ou da fruta. Diríamos, portanto, que o significante “laranja” possui o seguinte significado segundo o dicionário Aurélio: “sf. 1. O fruto, apreciado, da laranjeira. 2. bras. Gír. Intermediário, esp. No mercado financeiro, que faz transações em nome de um terceiro, cuja identidade fica oculta”. (FERREIRA, 2000, p. 418). Logo, temos o significado como conceito abstrato do elemento concreto ao qual chamamos, há pouco, de significante.

Mas o cérebro humano não processa, no ato da comunicação, o significante separadamente do significado. Ou seja, significante e significado acontecem simultaneamente em nossa comunicação. E, quando juntamos ambos, chegamos ao conceito de signo. “Signo lingüístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representada pela figura”. (SAUSSURE, 1977, p. 80).

Assim, signo é a junção de significante e significado, elementos sem os quais não há comunicação. Não havendo, portanto, possibilidade de interpretação.

Acontece que não estamos soltos no universo, há um contexto em que nós, e todos outros signos que compõem nosso mundo nos interagimos. Uma laranja não é tão somente uma laranja, tal qual nos ensinou o Mestre Aurélio. Uma laranja pode ser para mim um fruto doce e agradável ao paladar, e para outra pessoa algo azedo, execrável até. Pode ser, ainda, um fruto do qual se extrai delicioso refresco numa tarde de sol, ou única possibilidade de se matar a fome de um indigente.

O significado é, então, relativo e extremamente passível de mutação, dependendo, para isso de uma série de elementos envolvidos no processo comunicativo.

Pois bem, a comunicação se dá por meio da linguagem, a arte é, também, uma forma de linguagem. Se mesmo a linguagem convencional se dá de forma diversa por depender de fatores subjetivos, pensemos em como o processo



significativo se dará na arte, em que o subjetivismo é a própria alma da significação.

Todo processo de criação humana envolve sentir e pensar sob uma visão dialética. Ou, para mais uma vez nos valermos de uma colocação de Duarte Júnior:

O processo do conhecimento [...] articula-se entre aquilo que é vivido (sentido) e o que é simbolizado (pensado). Ao possibilitarmos o acesso a outras situações e experiências, pela via do sentimento, a arte constrói em nós as bases para uma compreensão maior de tais situações. Porque a simples transmissão de conceitos verbais não se ligam de forma alguma aos sentimentos dos indivíduos, não é garantia de que um processo real de aprendizado ocorra. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 69).

Então, pensando que compreender arte é, sobretudo, perceber o mundo sob uma visão inovadora, uma vez que essa visão é única em cada indivíduo, acreditamos que o trabalho com a arte educação em nosso país precisa de uma séria análise para que esse aprendizado não repita caminhos já percorridos sem se chegar a lugar algum.

Um dos pontos que alguns teóricos, geralmente, questionam no aprendizado de arte está diretamente relacionado à prática na aula de educação artística. Definitivamente, não podemos pensar que a arte educação é um “treino” para tornar o aluno um artista. Não se condiciona alguém a ser artista, mas criam-se meios para que, os artistas em potencial, deixem aflorar em si a forma de expressão artística através da qual vai se mostrar ao mundo, ou simplesmente conhecê-lo em sua essência.

Duarte Júnior aborda uma atividade corriqueira nas salas de alfabetização, o contorno de desenhos já prontos, e assim comenta:

Nessa atividade esconde-se uma sutil imposição de valores e sentidos. A mensagem subliminar que ela encerra, e que é transmitida ao aluno é: ‘você é incapaz de desenhar por si próprio, de criar qualquer coisa; você deve se restringir aos limites impostos pelos mais capazes’. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 82-83).

O autor critica, ainda, a atitude da escola que, por meio da aula educação artística, confecciona trabalhos infantis para datas como dia das mães, dia da criança, natal. Esses trabalhos, além de se distanciarem por demais da idéia até aqui trazida de arte, “comemoram” datas extremamente comerciais, impondo ao aluno um espírito consumista e individualista.

As aulas de arte deveriam acontecer com o intuito de libertar, como já afirmamos antes neste trabalho. Da forma que parece estar acontecendo, pode ser que essa mesma educação venha a limitar, ainda mais, os horizontes do pequeno aprendiz. Temos, pois, que nos desvincularmos dessa idéia fechada de arte para a uniformização, em que valores estéticos do professor são sobrepostos ao criar infantil. Isso tolhe, não liberta nem mostra caminhos.

Não precisamos pensar na criação como uma expressão exata, cujos significados são propriamente palpáveis e perceptíveis claramente por todos.

“A expressão criadora não diz respeito a criar algo, mas experimentar e, através desse experimentar está toda uma gama ampla de projeção da personalidade e valores do educando”. (CORREA, 1981, p. 17)

#### **4 Considerações finais**

Essa entidade cultural – o homem – está atrelada a todo o contexto que a cerca. O homem é um signo que procura explicar-se por meio de outros signos, procura impor-se por meio das mais diversas linguagens. Aqui, procuramos pensar nas linguagens artísticas visuais.

Com base nisso, pensamos ser importante repensar a prática pedagógica no que se refere ao ensino de arte ou mesmo no ensino de outros conteúdos por meio da arte. A Arte precisa acontecer por ela mesma, a arte pura que liberta o ser, ou que torna humano o que, ainda, não o é.

Temos, sim, que trabalhar arte sob a perspectiva de se melhorar o homem e o ambiente que o cerca,

pois a própria interpretação já é a própria arte, ou o próprio homem e sua realidade. Como nas palavras de Danah Zohar, citada por Boff: “a realidade acontece quando a vemos, como a realidade acontece, depende de como a vemos”. (ZOHAR apud BOFF, 2004, p. 66).

E mais uma vez, citamos DUARTE JÚNIOR. Valemos, pois, de suas palavras para resumir o que acreditamos para que uma aula de arte ou de qualquer outro conteúdo seja antes uma aula de cultura:

Precisamos de uma real arte-educação, e não de uma ‘arte culinária’. Uma arte culinária cuja receita principal é cozinhar em fogo brando os corações e as mentes dar novas gerações, para servi-los no grande banquete do desenvolvimento industrialista. (DUARTE JÚNIOR, 2004, p. 87).

### Referências bibliográficas

BOFF, Leonardo. *A voz do arco-íris*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes - 5ª a 8ª séries / Secretaria de Educação Fundamental. MEC/SEF Brasília, 2001.

CORREA, Ayrton Dutra. A educação plástica como elemento sensibilizador no processo de ensino-aprendizagem. *Revista do Centro de Educação*. UFSM.

V.6 – Nº1 – 17 a 28 – 1981.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *Por Que Arte-Educação?* 15 ed. Campinas: Papirus, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Tradução de José Carlos Bruni e Marcos Aurélio Nogueira. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.

NÖTH, Wenfried. *Panorama da semiótica: de Platão a Pierce*. São Paulo: Annablume, 1999. Coleção E, 3.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Cheline, José Paulo Paes e Izidro Blikstein. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SOUTO, Maria Generosa Ferreira. *A questão folclórica à luz da escola*. Montes Claros, MG: Gráfica Giordani Editora Ltda, 1999.

TONDINELI, Patrícia Goulart. *Mitos e Ritos da Cultura Popular: A Folia de Reis em Foco*. Monografia apresentada como requisito de avaliação do curso de pós-graduação *lato sensu*, Faculdades Santo Agostinho. Porteirinha, 2004.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Turismo e Qualidade: tendências contemporâneas*. Campinas, SP: Papirus, 1993.